

Talvez haja memória sem inteligência, mas decerto que o contrário é impossível e a inteligência pressupõe estruturação do saber que, por sua vez, requer decisivamente memória. Uma memória quantitativa e, sobretudo, qualitativa das ideias e dos sentimentos da Humanidade, indispensável propedêutica para que a vida humana não caia na tacanha suficiência dos que apoucam e desdenham a Cultura, não se apercebendo que são individualmente pobres e concorrem para o empobrecimento colectivo. A verdadeira Cultura é feita de memória e esta enriquece-se pela leitura que, sendo pesquisa desinteressada da verdade, forma e estimula o espírito impedindo que tomemos a nuvem por Juno, facultando-nos uma permanente atitude intelectual de largueza de horizontes e também de dimensão crítica que caracteriza o indivíduo culto, situando-o para além da rotina, do imediato.

Na realidade não se alcança a verdadeira Cultura se nos confinarmos aos dados do quotidiano, manifestamente abaixo, por vezes muito abaixo daquele nível intelectual que poderemos designar por sabedoria e que se nutre de um saber em profundidade, fruto da experiência vivida mas igualmente do conhecimento que os livros, que na acertada perspectiva do Pe. António Vieira são "(...) uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos (...)" (Cfr. 'Sermões', tomo IV), livros com os quais confrontamos as nossas opiniões a fim de tornar o mais plenamente inteligível a condição e situação humanas.

Neste sentido se compreenderá a iniludível importância das bibliotecas, autênticas memórias da aventura da Humanidade, que nos contemplam, convidando-nos à reflexão em profundidade para uma vida espiritualmente superior. Ambientes simples e solitários, cujo clima propicia a plena aliança entre cultura e concentração, caminho que

conduz à via ascensional do que Montaigne designou por 'teste bien faicte' ou, o que é o mesmo, ao claro e meridiano saber, tarefa sem fim em busca da natureza das coisas. Daí a função criadora da Biblioteca, promovendo o gosto da pesquisa ampla que garante ao estudioso o acesso ao mundo da cultura em prol da dignificação humana.

Frequentar a biblioteca faculta uma concepção humanista do mundo e da vida, alicerça o saber sob o ângulo da universalidade e promove uma maturidade cultural e humana para melhor interpretarmos a existência e por esta razão não pode aceitar-se que o estudante se confine ao apontamento da aula, mormente no caso do universitário a quem se há-de louvar não só o saber exaustivo desta ou daquela minudência, mas acima de tudo, uma dilatada visão de conjunto que ultrapasse a excessiva preocupação utilitária do sucesso nas provas. Importa que o universitário não caia na barbárie da especialização que, quase sempre, bloqueia os horizontes da Cultura, sem a qual ficará diminuído como ser humano.

É a este propósito que se nos afigura como incontestável o papel insubstituível da Biblioteca na construção da perfectibilidade humana. Tanto mais humano, quanto mais culto, poderia ser a divisa de cada biblioteca. Importa que, para lá do ruído e precipitação da vida contemporânea, o universitário ou simplesmente cada indivíduo encontre a tranquilidade de um espaço que possibilite a seriedade do estudo ao ritmo do folhear dos livros onde a Cultura jamais estará rarefeita, justamente porque neles há sempre algo de novo, abrindo novas perspectivas, não raro uma nova interpretação da vida - vida que sem cultura, como Ortega y Gasset escreveu, não passa de tragédia sem sentido.

A um tempo, os livros são os grandes veículos da Cultura e as bibliotecas não são nunca selvas de livros, mas

sim recintos hospitalares onde cada um pode e deve ir buscar os argumentos humanos para o afrontamento da violência misteriosa do destino.

*Luís de Araújo*